

UM HOMEM CHAMADO JOÃO

Teatro em dois Atos

Texto

Ir. Pedro Jiménez Marin – Bolívia

Tradução

Irmão Albino Affonso Ludwig

UM HOMEM CHAMADO JOÃO

PRIMEIRO ATO

O Ir. André está arrumando a sacristia da capela de São Jônio. Está acabando de limpar os móveis, depois colhe algumas flores e começa a colocá-las com muito pouco jeito e gosto numa floreira. Entra o Ir. Felipe, observa alguns segundo a cena e depois...

- Ir. Felipe:* O que é que você está fazendo, Ir. André?
- Ir. André:* Boa tarde, Ir. Felipe. Eu não tinha nada a fazer... Como está vendo, vim para a sacristia para fazer um pouco de arrumação. Já sei, Irmão, que este não é o meu trabalho, mas queria fazer alguma coisa.
- Ir. Felipe:* Você queria fazer alguma coisa? Não devia você estar na oração com os outros Irmãos? Hoje é Domingo de ramos. Estamos preparando a semana santa, para celebrar a morte e a Ressurreição de Nosso Senhor. O mínimo que se pode esperar de nós é que estejamos em oração. E além disso, nosso caríssimo Pai, o Senhor de La Salle não está bem de saúde.
- Ir. André:* Sim, Irmão, entendo, mas não podia estar rezando todo o dia. Sinto muito que nosso pai... Por isso pensei que seria bom vir à sacristia e arrumá-la um pouco... Não fique chateado por isso, Irmão.
- Ir. Felipe:* Não; não estou chateado, simplesmente é que você deveria estar fazendo outra coisa.
- Ir. André:* Sim, Irmão. Mas eu quis primeiro acabar de limpar a sacristia.
- Ir. Felipe:* Mas é um outro que está encarregado disso, meu Irmão, é melhor que vá para a oração.
- Ir. André:* Está bem, Ir. Felipe.
- Ir. Felipe:* Um momento! Ir. André. Pelo jeito, você não veio para arrumar a sacristia, nem porque não tinha nada para fazer. Você veio para outra coisa... O que é que está preocupando a você?
- Ir. André:* Nada, não... Ir. Felipe. Apenas... nada, não!...
- Ir. Felipe:* Meu caro, será que você não se sente feliz em nossa casa?
- Ir. André:* Sim!... Não!... não estou feliz, Ir. Felipe, não posso mentir. Não! ... não estou feliz!
- Ir. Felipe:* Por que não está feliz e contente?
- Ir. André:* Por causa dessas coisas que estão acontecendo... esses senhores que temos aqui, essa turma que deveria estar no xadrez e estão nesta casa. Por que é que temos gente desse tipo aqui? O Senhor de La Salle está doente, e agora temos de caminhar com eles como numa procissão... a qualquer momento eles podem sumir e nos causar problemas. Acho que o Rei até ficaria zangado porque estamos cometendo uma injustiça. Esses senhores estão aqui porque nos pagam. Por que é que não aceitamos outros que não podem pagar?
- Ir. Felipe:* Veja, Ir. André, é para aliviar um pouco o sofrimento dos outros. Isto é que é importante... Não pense mais nisso. Vá um momento à capela e faça um oração.

Ir, André: Isto é muito difícil, Ir. Felipe, porque, quando dobro os joelhos para rezar, então estas dúvidas começam a me incomodar e penso em como é que nós estamos e como estão os outros e na enfermidade do Sr. de La Salle... Eu gosto de ser Irmão, gosto muito; gosto de falar com o Sr. de La Salle e com os outros coirmãos, sentar-me na capela, e gosto ... de tudo! Mas não posso deixar que me assaltem essas dúvidas e me incomodam... Será que isto é ruim?...

Ir, Felipe: Certamente que isto não é ruim. Nós todos passamos por isso, mais ou menos. E depois, desta provação nos restam dois caminhos: ou deixamos isto e nos dedicamos à vida comum, ou saímos completamente reforçados e podemos dedicar toda nossa vida e nossa alma ao objetivo que nos propusemos.

(Neste preciso momento entra um mensageiro com um bilhete e se dirige resolutamente ao Ir, Felipe).

Mensageiro: Estou trazendo um recado para o Sr. de La Salle e devo entregá-lo imediatamente, é uma ordem do Sr. Bispo.

Ir, Felipe: Sinto muito, meu senhor. Mas duvido que o Sr. de La Salle o possa receber pessoalmente agora. Ele está gravemente enfermo. Provavelmente agora esteja descansando e não pode ser incomodado.

Mensageiro: Quero vê-lo imediatamente; são ordens do Sr. Bispo... e as ordens do Sr. Bispo não se discutem, cumprem-se!...

Ir, Felipe: De que é que se trata?

Mensageiro: O Sr. de La Salle ofendeu a autoridade, não cumpriu os preceitos e as ordens que lhe foram dados.

Ir, André: Será que se está referindo ao fato de não conduzir os pensionistas à paróquia para a missa?

Mensageiro: Creio que é exatamente isso.

Ir, André: Será que ele não acredita que os «presos» (como são chamados), podem escapar durante a caminhada e que isso traria problemas com o Rei? Claro! Quando se está em lugar seguro é fácil dizer ou acreditar o que pensam os outros, mas é muito difícil executar as coisas contraditórias que mandam. Decidir o quê...

Mensageiro: Eu me limito a cumprir ordens. Quero ver o Sr. de La Salle e comunicar-lhe que ficou suspenso de ordens e de todos os ofícios próprios de um sacerdote.

Ir, André: Você sabe que isto lhe pode custar a cabeça a você?...

Mensageiro: Eu não sei nada. Exijo que me levem imediatamente ao Sr. de La Salle, para dizer-lhe o que o Sr. Bispo está mandando.

Ir, André: Mas que diabo!... Como é fácil ser Bispo e difícil estar debaixo das ordens dele. De um lado o Rei manda em nós, ele nos dá o privilégio – como ele diz - de ter pensionistas, isto é, prisioneiros, de outro, um Sr. Vigário, que não pode tolerar um rival e que não permite que se celebre a missa perto de sua paróquia, porque isto significaria causar problemas. Depois vem uma ordem do Sr. Bispo para proibir as missas nesses lugares. E não podemos sair com os pensionistas porque poderiam fugir... obedecer a quem?... Quem é mais importante neste caso?... Por favor, quero que me entenda, meu senhor, o Sr. de La Salle está em estado muito delicado. Os médicos já o desenganaram. Já recebeu a unção dos en-

fermos. Quem sabe, em poucos dias , talvez horas, deixará este mundo. Nunca mais vai celebrar missa, porque já não tem forças para levantar-se... e você vem para dizer-lhe que não deve celebrar e que foram suspensos todos os privilégios sacerdotais... isso pode levá-lo mais rapidamente à morte. É isso que quer o Sr. Bispo? Será que tem tanto medo dele?

Ir, Felipe: Ir. André, acho que você está se exaltando demais, e isto não é coisa de bom religioso.

Ir, André: Claro, não é bom ficar zangado. É preciso inclinar a cabeça e aceitar tudo o que nos é imposto, que façamos o que mandam. E isto está certo? É isto que o Sr. de La Salle teria feito?

Ir, Felipe: Creio que sim. É isto que o Sr. de La Salle teria feito.

Ir, André: Não!... o Sr. de La Salle lutou, mudou os costumes, lutou para que os pobres deixem de ser considerados um lixo e comecem a ter consciência de que valem alguma coisa. Não!...Não o entendem... este é o pecado dele: **ter amado demais os outros!!!** Escute, meu senhor, você não vai entrar na cela do Sr. de La Salle. Sou eu, quem o diz!.....

Mensageiro: Você não se atreverá!... Já que não quer conduzir-me até lá, eu mesmo vou procurar a cela do Sr. de La Salle.

Ir, André: Espere!... (*ao Ir. Felipe*) Podemos chegar a um acordo, Ir. Felipe? O senhor que é muito amigo do Sr. de La Salle pode dizê-lo de tal maneira, que ele não se sinta ofendido, e não lhe doa demais... Não!... Já sei que vai doer de qualquer maneira. (*ao Mensageiro*) Pode dizê-lo tal qual.

(Sai lentamente o Ir. Felipe, seguido pelo Mensageiro. As luzes se apagam de vagar; somente um refletor ilumina o Ir. André).

Ir, André: Vão dizer a ele!... vão dizê-lo embora tenha recebido a unção; embora seja sacerdote, não o é mais... e... poucos dias antes de falecer... Senhor, não o posso entender... quero entendê-lo, mas não posso. Todos têm que atacá-lo porque é pobre, porque é humilde? Todos têm de odiá-lo? Não; não posso entender...não posso entender. Quando era forte e podia caminhar, todos o seguiam, o chamavam e lhe falavam e diziam: “Sr. de La Salle, venha fundar uma Escola aqui. Sr. de La Salle, estas crianças precisam de você. Ajude-lhes! “ E lá se ia ele com todas as suas forças para se lançar a uma luta que no fim acaba deste jeito. Não; não entendo, Senhor...

Uma velha batina preta...uma velha batina preta era tudo que o Sr. de La Salle tinha; remendada, velha e suja e com essa velha batina preta tinha lutado pelas crianças, lutado pelos outros...

Vejo-o, faz alguns anos, quando eu era moço e recém se tinha fundado o Seminário... o Sr. de La Salle estava nos falando de suas coisas, de quando, também ele, tinha a minha idade e estava estudando no Seminário de Maria e um dia foi visitar uma escola...

(Ir. André sai da cena, enquanto as luzes se acendem sobre uma escola dos arrabaldes de Paris. Um professor bastante idoso está caminhando lentamente com um livro nas mãos. Fora ouvem-se risadas de algumas crianças. De repente as risadas e os gritos aumentam de intensidade. Entra o Sr. de La Salle)

- La Salle:* Que tarde agradável, crianças!... Foi a melhor que tive até agora!...
- Professor:* Fico muito contente, Sr. de La Salle.
- La Salle:* Realmente agradável... todas essas crianças, os jogos e a alegria e todas essas coisas que se pode fazer pelas crianças.
- Professor:* O senhor se sente feliz com isto, Sr. de La Salle?
- La Salle:* Sim; realmente muito satisfeito! Não esperava uma tarde assim. Diga-me, quantas crianças estão aqui?
- Professor:* São cerca de 68 meninos. Estão divididos em dois grupos: os que já aprenderam alguma coisa e os que ainda não sabem nada. Olhe...a maneira de educar em que um professor ficava de pé ao lado de cada aluno, não serve para nós; porque nesta escola não podemos dar-nos o luxo de ter um professor para cada aluno... Somos realmente uma escola pobre...
- La Salle:* Sim, realmente pobre, mas diga-me como é que se mantém a escola então?
- Professor:* Bem;... ela se mantém com donativos, de pensões. Você sabe que há gente que tem dinheiro e quer ajudar um pouco, então nos pagam alguma coisa e ensinamos a estas crianças que não têm nada; geralmente é a nobreza que nos dá algum dinheiro.
- La Salle:* Ah! Sim; o poder econômico está nas mãos da nobreza.
- Professor:* Precisamente, claro. Este é nosso mal. Precisamos viver de alguma forma. Na realidade não deveríamos depender desses senhores para poder educar as crianças. Mas elas precisam aprender. Olhe, eu ensinei a gente nobre e posso dizer que é muito diferente. O nobre parece que não precisa de ensino e a gente está obrigado forçá-los a aprender, ao passo que com estes aqui, não... De repente descobriram que podem mudar o mundo e a si mesmos, se aprendem... e então não precisam ser obrigados. Eles vêm para aprender, e bebem as palavras do professor. Não observou? Não o sentiu fazer alguns minutos? Viu como eles sorriam com você? Como riam e brincavam e como bebiam as palavras que você falou? Se fosse um grupo de crianças da nobreza, teriam pensado na maneira mais rápida de sair da classe e escapar destes lugares, quando aplicamos nosso método.
- La Salle:* Sim; mas isto é uma novidade, professor.
- Professor:* Chame-o como quiser, Sr. de La Salle. Mas lembre-se que o Senhor Jesus não falou: "Tu és mais do que o outro; ou, tu é superior". Essas são invenções dos homens. Deus nos disse que todos são iguais; todos são filhos de um mesmo Pai, e lhe digo, não se admire, se um dia, estes meninos lho demostrem.
- La Salle:* Você não acha que estas suas palavras são precisamente insuportáveis numa pessoa de sua categoria?
- Professor:* Não importa, Sr. de La Salle! Entenda... sou tão pobre como os alunos aos quais ensino. Há dias em que não tenho o que comer, como falta a esses meninos que não podem aprender muito, porque lhes falta alimento. E sinto na carne a necessidade deles. Sr. de La Salle, alguns momentos atrás, eu pensava em tratá-lo bem, em dizer-lhe maravilhas, mostrar a todo mundo a cara desta escola que querem ver. Queria mostrar à nobreza uma escola em que as crianças aprendem a respeitar a nobreza e mostrar ao povo uma escola em que se ensina ao povo o que é um povo. Sr. de La

Salle, entenda-me, por favor. Quando o senhor chegou pensei que o senhor era uma pessoa que poderia ajudar-me materialmente, Sr. de La Salle, e acabei falando-lhe a verdade.

(O professor se volta rapidamente e sai da sala. O Sr. de La Salle fica sozinho por um momento e, em seguida, se aproxima e fala diretamente com a platéia).

La Salle: Estas palavras me comoveram intensamente, aqui dentro. Até agora, eu não tinha entendido o porquê da divisão da educação. Até agora, não me tinha dado conta da miséria em que viviam outras pessoas. Quando voltei do Seminário, estive pensando nessas palavras durante muito tempo. mas, tudo passa e um dia esqueci essas palavras. Depois... meus pais faleceram, um depois do outro. E alguém tinha de se encarregar da administração dos bens da família. E eu tinha de fazê-lo por ser o mais velho. Voltei então para casa e me encarreguei de tudo.

(Enquanto La Salle se retira, as luzes vão se acendendo sobre uma escrivaninha, adornada com bom gosto. Remígio de La Salle está sentado numa das poltronas. Entra Luís, seu irmão).

Luís: Que está fazendo ali, Remígio?

Remígio: Nada. Estou esperando a nosso irmão.

Luís: Ao João Batista?

Remígio: Sim...

Luís: Está esperando tirar-lhe dinheiro?...nem em sonho! Sabe da última que ele fez? Acabam de meter um garoto no xadrez. Bom... em nosso irmão não é nada extraordinário. É o sexto que metem no xadrez por questões de dívidas em dinheiro que lhe devem. Até me pergunto neste momento, se nosso irmão vai continuar ou não a carreira eclesiástica.

Remígio: Há dias que também eu chego a duvidar.

Luís: Às vezes penso que é o melhor que nos poderia acontecer. Já pensou... ele tem tudo o que pode desejar. Isto é: a fortuna de nosso pai... bom; já sei, não é nada de extraordinário, é a parte dele por ser o mais velho. Sei que isto não está correto, mas é preciso aceitar as coisas. Aos 14 anos já é cônego, e isso também representa benefícios econômicos, enquanto nós os outros temos de nos conformar com as migalhas ou com as esmolas que nos podem dar. Não está correto, não é justo.

Remígio: E o que é que você poderia fazer para evitar isso?

Luís: Isto é o pior, não sei o que se poderia fazer. Algumas vezes todo meu corpo se revolta, até desejo que João Batista morra e solucionar este problema.

Remígio: Entendo...

Luís: Por que é que só ele tem que agarrar todo o dinheiro? Não há bastante para todos? mas a fortuna de uma família não deve ser dividida. Certo?...

Remígio: Neste caso, é preciso sujeitar-se a tudo o que disser o mais velho: que devemos estar juntos em todas as refeições e na hora marcada?

Luís: É exatamente o que eu ia dizer.

Remígio: Mas, existe uma solução. Por que você não faz como os outros «número dois»?

Luís: Você se conformou depressa, Remígio!
Remígio: Sim; já me conformei, pelo menos sei que não me vai faltar o que comer e o que fazer durante este tempo, espero. Não é?

Luís: Eu não me conformo, sou jovem. Muitos jovens podem fazer de tudo. Já imaginou se eu tivesse dinheiro? Bom!... eu daria um bom dote para minha irmã e daria um jeito que lhe mandassem laranjas de Portugal e biscoitos, etc. etc. para que todas as monjas a tratassem bem, enquanto aqui nos tratam pior do que num quartel. Garanto que não seria difícil ir a Paris, à corte e inscrever-me como mosqueteiro ou escudeiro.

(João Batista que entrava, escutou o final da conversa).

La Salle: Não creio que você se atreveria a fazê-lo. Você é covarde demais para isso. Você tem medo da guerra e das coisas difíceis. Olha! Quero que você saiba, uma vez por todas, este dinheiro não será repartido. Para você foi fixada uma renda, certo? Uma quantia que lhe permite viver tranqüilo sem incômodo nem preocupações. Aliás, o que é que lhe falta aqui, Luís?

Luís: Ora... falta-me fazer alguma coisa para mim, João Batista. Acha muito?

La Salle: Se eu lhe desse mais dinheiro você o queimaria em asneiras e correria o perigo de se perder.

Luís: Bah!...Bah!... Perder-me!...Já aponta o padreco... Perder-me!...E pensava que você fosse mais liberal, João Batista. Você, o homem das crianças e das reformas!... Você, pensar tão acanhado... não sei o que pensar de você.

La Salle: Ora, então não pense nada. E acabou!...Aliás, não creio que você não seria capaz de pensar muito.

Luís: Atreve-se a insinuar que... *(cala e baixa a cabeça)*. Está certo, você tem razão, não posso ser outra coisa do que o que você está dizendo.

La Salle: Você acha que o dinheiro me interessa muito, não é? Pois está muito enganado. O dinheiro não me interessa: ele apenas é um meio, não um fim. Até agora me limitei a guardá-lo, mas creia-me que um dia vai servir para alguma coisa. Acredite que vai servir para alguma coisa...

Luís: Deus te ouça! Estou esperando o dia em que você vai entender que viver é uma injustiça... e você vai entender, João Batista, vai entender...

(A luz diminui gradualmente. Só um refletor sobre a figura de La Salle que vem em frente do palco e fala à platéia)

La Salle: Sinceramente... eu pensava agir corretamente. Era preciso estabelecer a disciplina numa casa como a nossa, para que as coisas funcionassem direito. Foi por isso que as palavras de Luís não me atingiram tanto como as que me disse o Professor. Eu pensava que elas já se tivessem esvaído, mas voltaram a me incomodar.

Um dia desses recebi uma carta de uma amiga que me anunciava que um certo Sr. Nyel viria visitar-me. Pensei que fosse um desses senhores da corte que, sabendo de meus bens, viria pedir-me algum favor...

(As luzes voltam a acender na sala. Entra um empregado).

Empregado: Sr. de La Salle, lá fora está um homem. Disse que se chama Nyel.
La Salle: Sim; faça-o entrar. (*Vai a sua mesa. Senta e começa a mexer nos papéis. Entra o Sr. Nyel.*)

Nyel: É o Sr. de La Salle?

La Salle: Às suas ordens. Sente-se, por favor. (*fica de pé*) Quer tomar alguma coisa?

Nyel: Não, obrigado! Vim para conversar com o senhor sobre um assunto muito importante. Primeiro, gostaria de entregar-lhe esta carta de sua prima. Por favor, leia-a, Sr. de La Salle.

(*La Salle pega a carta e a lê em voz baixa, de modo que não se ouve até o ponto.....*)

La Salle: (*Lendo*) Por isso, pela confiança que me inspira e sua caridade e nosso parentesco, lhe peço que ajude ao Sr. Nyel, portador da presente. É possível que toda a Champanha fique alarmada. Caso houver alguma dificuldade (*volta a ler em voz baixa*). A que tipo de dificuldade se refere minha prima? Ela está dizendo que o senhor está metido em negócio de escolas.

Nyel: É isso mesmo. Estou metido em negócio de escolas. Fundei várias em algumas cidades da França e estou pensando em fundar outra aqui, em Reims. É para isso que vim. Contaram-me que o senhor tinha muito interesse em tudo isso.

La Salle: É verdade... mas, por favor, Sr. Nyel, ainda não sentou. Sente-se, por favor. (*Nyel senta*) Explique-me direitinho de que se trata.

Nyel: Creio que as escolas para os pobres não estão sendo bem atendidas.

La Salle: Também acho.

Nyel: Acho que seria preciso fundar outras.

La Salle: De acordo!... mas explique-me sua idéia.

Nyel: Como é que vou explicar? O senhor ouviu falar de nossas escolas de Ruão? De que os meninos não vagabundeiam mais pelas ruas? De que os vigários dessas cidades trabalham neste tipo de obras e que os resultados já estão aparecendo?

La Salle: Você está falando de meninos que vão à escola com gosto?

Nyel: Exatamente. As escolas não podem ser um lugar de suplício, mas um lugar em que se sente a alegria de aprender.

La Salle: É isto que eu quero.

Nyel: penso que os meninos deveriam ter outra maneira de aprender.

La Salle: Também penso assim. Desculpe-me, Sr. Nyel, porque tive uma idéia errada de você... Acho que, por fim, encontrei o que estava procurando. Teremos dificuldades, mas lutaremos para ir em frente... Sr. Nyel, você vai ficar aqui em casa por uma semana. Depois marcaremos uma reunião com os vigários desta cidade...E que Deus nos acuda, Sr. Nyel! Que Deus nos acuda!...

(*Cai o pano lentamente*)

SEGUNDO ATO

(O pano abre-se mostrando o gabinete do Sr. de La Salle, sentado à mesa, com papéis. Entra o Sr. Nyel)

- Nyel:* Sr. de La Salle, eles estão lá fora.
- La Salle:* Estão lá fora?... Que será que querem desta vez?
- Nyel:* Parece que as coisas entre eles não andam direito. O tempo que passamos trabalhando para os pobres, parece que está causando problemas. Bem!... não quero dizer que foi um fracasso. Mas eles estão ali fora e querem falar-lhe.
- La Salle:* Não se pode falar que foi um fracasso.
- Nyel:* Tem certeza? Pensei que tudo andava direito. As escolas já estão funcionando bastante tempo. É verdade que, de começo, houve alguma resistência para nos aceitar, o senhor o sabe melhor do que eu.
- La Salle:* Mas agora tudo vai bem. Qual será o problema?
- Nyel:* Sr. de La Salle, creio que será melhor que o senhor o descubra diretamente.
- La Salle:* Está bem. Faça-os entrar.

(Nyel sai da cena. La Salle lança um longo olhar para a imagem de Maria que está num dos cantos da sala. Nyel volta, acompanhado por Leão).

- La Salle:* Muito prazer, Leão. Sente-se, por favor.
- Leão:* *(nervoso)* Não é preciso. Prefiro ficar de pé.
- La Salle:* Bom. vejamos o que nos tem a dizer.
- Leão:* De fato não é muito longo. Não quero incomodá-lo, Sr. de La Salle; mas tínhamos receio e eu receio que o senhor fique incomodado.
- La Salle:* Bem; bem... Sr. Leão, prometo que não vou me incomodar, seja o que for. Não quer sentar, agora?...
- Leão:* Pois, não. *(Senta)* Ora bem... não sei como começar...
- La Salle:* Talvez o Sr. Nyel possa ajudar-nos por onde começar.
- Nyel:* Não creio que precisamente eu deveria ser o porta-voz desses senhores. Mas, tudo bem: vou dizê-lo. Como o senhor sabe, já há um certo tempo estes senhores foram contratados para continuarem a obra das religiosas das escolas cristãs. Essas escolas que, em certo sentido, tiveram bom sucesso em outros lugares, por exemplo, em Ruão, e procuramos seguir o método, se bem com algumas diferenças, claro. Estas diferenças, até certo ponto são notórias. Acho que.....como é que vou lhe dizer, Sr. de La Salle?... Nossos professores ficaram alojados em casa de um padre, em sua casa, Sr. de La Salle, e estão obrigados a um regime muito severo.
- Leão:* Sim, Sr. de La Salle, como é que vamos dizer-lho. Nós não somos padres e contudo pretendem que levemos vida de mosteiro, isto não está certo, Sr. de La Salle. Penso que não nos devem sujeitar a um regime severo de hora para deitar, para levantar, para comer, para dormir, para vestir, para

passar. Na minha opinião, Sr. de La Salle, nós estamos acostumados a outra forma de vida. Está muito bem o que o senhor nos diz, «que o mais importante nesta obra é seguir os ensinamentos para ajudar aos que nada sabem. Estou plenamente de acordo; mas isto não quer dizer que tenhamos de seguir uma vida tão severa como a que o senhor nos impõe.

La Salle: Interessante! Mas já faz algum tempo escutei essas mesmas palavras.....

Quer dizer que então você acha que o regime imposto é severo demais?

Nyel: Foi isto que ele disse, Sr. de La Salle. E não só isto (*para Leão*) Diga-me, porque é que você aceitou esta função?

Leão: Como vou explicar? Veja, nós, os pobres, que não temos vida assegurada, como os da nobreza, precisamos de alguma forma aceitar tudo. Por isso aceitamos esta função. Mas não temos vocação de religiosos; nossa maneira de estar no mundo, talvez seja mais forte do que qualquer desejo de seguir essa vocação. Mas o senhor, La Salle, pensou em nós como religiosos.

La Salle: Como religiosos?... Sim, receio que pensei em vocês como religiosos.

Leão: Sr. de La Salle, não sei se me expliquei direito. Acho que algum dos seus irmãos é um religioso.

La Salle: Sim; tenho um que é religioso.

Leão: E o senhor sabe por que ele entrou no convento?

La Salle: Acho que sei, sim.

Leão: Não se zangue, por acaso, um dos motivos não seria porque não é o primogênito?

La Salle: Na hora de ir para o convento, me disse: «Você ganhou esta, João Batista. Você tem razão de dizer que sou covarde demais para ir a Paris».

Nyel: O que é que ele queria dizer?

La Salle: Deixe pra lá, por favor. Não vamos que este assunto nos faça divagar... (*Para Leão*), você estava dizendo...

Leão: Eu dizia que da mesma forma que os outros estão obrigados a solucionar seus problemas, também nós estamos obrigados a solucioná-los ou de assegurar de alguma forma a subsistência para o futuro. Não sei, se o senhor entende, Sr. de La Salle. Aqui o Sr. Nyel nos tinha prometido que isto significava uma melhoria. Mas nada mais do que isto. Quando não tivermos mais o que comer, que é que vamos fazer, Sr. de La Salle?

La Salle: Não sei (*transição*, Leão. Você se lembra daquela frase: **“Olhai os lírios do campo: não trabalham, nem lutam, mas nem Salomão em toda a sua glória, conseguiu ter uma roupa mais bonita do que os lírios”**. Com isso queria dizer que Ele se preocupa e continua a se preocupar daqueles que o servem com fé e amor.

Leão: Palavras muito bonitas, Sr. de La Salle, é melhor que decidamos e aclaremos esta situação. Não; ainda não vou ir embora; não se preocupe. Mas o que quero dizer é isto: o senhor não sabe quais são realmente nossos problemas; não sabe como vivemos. O senhor disse: vão dormir a esta hora; vão comer a tal outra; levantem-se a esta... e ficou tranqüilo em sua casa vivendo a seu modo, sem dar-se conta do que acontece do outro lado. Compreendo, Sr. de La Salle, que o senhor tem de se ocupar de muitas coisas. E o Sr. Nyel tem que viajar para cumprir com suas obrigações. Então, muitas vezes estamos entregues a nós mesmos e muitas vezes erramos, Sr. de La Salle. Que é que vai ser de nós, amanhã?...

(A luz vai descendo lentamente sobre a sala, ficando somente um refletor iluminando a La Salle... Ele se chega à boca do palco)

La Salle: Eu não podia ocupar-me pessoalmente deles ou não sentia vontade. Tinha receio de que me estava preocupando mais de outras coisas e me esquecia do mais importante daquilo que daria sentido a minha vida.

Havia momentos em que a solidão chegava a ser forte demais. Eu sorria e pensava que é muito duro não ter ninguém que espere a gente, alguém que estivesse com a gente e simplesmente fizesse companhia à gente e uma porção de outras coisas, então me dei conta de que tinha de fazer alguma coisa.

Eu tinha problemas demais, é verdade, mas, se por exemplo, fosse viver com vocês, não teria falta de companhia. Se, em vez de dedicar tanto tempo ao canonicato, ...ele, é verdade, que garante algum dinheiro,... mas se eu renunciasse a tudo isso para viver com os professores... A idéia começou a se tornar forte em mim: era preciso que eu fosse morar com os professores. Assim o decidi, e fui pedir uma audiência ao Bispo.

Ele me olhou de alto a baixo, como quem diz: “Este homem está louco! Que é que ele está querendo?” Fiquei calado enquanto ele falava. Por fim eu lhe falei de minha renúncia ao canonicato e voltei para casa. Pouco depois meu irmão entrava em meu escritório, feito uma fera.

(As luzes novamente se acendem no escritório de La Salle. Alguns empregados passam pelo cenário, carregando baús e algumas outras coisas).

La Salle: Por favor, andem depressa. Coloquem tudo isso no carro com cuidado! Aqui os paramentos... cuidado, por favor! Esses baús... este aqui, coloquem com cuidado no carro e vão partir em seguida. Vamos encontrarnos na igreja paroquial.

(Durante este curto diálogo, seu irmão Luís, estava olhando)

Luís: Então é verdade mesmo?...

La Salle: Luís, faz tempo que eu não via a você.

Luís: É verdade, João Batista, apesar de viver na mesma casa. Eu procurava evitar sua presença.

La Salle: Não me parece uma atitude digna de um sacerdote.

Luís: Ora essa!... Então lhe parece uma atitude digna a que você está tomando?

La Salle: Desculpe, Luís, tenho outras coisas a fazer. *(Dirige-se à porta).*

Luís: Então é verdade mesmo?...

La Salle: *(Vira-se repentinamente)* Mas qual é mesmo a verdade que o preocupa tanto?

Luís: O Sr. Bispo mandou-me chamar. Nyel disse que você tinha renunciado ao canonicato. Disse também que você tinha renunciado em favor de outra pessoa.

La Salle: É verdade. Renunciei em favor de um padre que não tem nada.

Luís: Era a última coisa que se podia esperar de você, João Batista.

La Salle: A que é que se refere?

Luís: A que me refiro?...Deus do céu! Várias vezes falamos disto, e eu lhe disse de mil maneiras diferentes. Você me conhece melhor do que ninguém e sabe por que sou sacerdote agora. Não é verdade?...Certa vez eu falei que você venceu, João Batista. Sou covarde demais para outras coisas. Você sabe quanto eu queria esse canonicato, se não tudo o que você tem. Qual é a sua resposta, João Batista? Qual é sua resposta? Você renuncia ao canonicato, não é verdade?...esse dinheiro não lhe faz falta... mas renuncia em favor de outra pessoa e não em meu favor!...

La Salle: Também a você o dinheiro não lhe faz falta. Luís de La Salle!!! Você recebeu dinheiro e o continua recebendo pelo resto da vida. Um dinheiro que está perfeitamente assegurado e que em nenhum momento terá problema de levantar...De que é que você se queixa, então, Luís de La Salle?

Luís: Olhe para mim, João Batista, sou um pobre sacerdote que não tem nada. Mas, por que é que sou sacerdote? Porque não me restou outra solução e não sou somente eu: centenas de milhares de pessoas, para procurar uma solução, escolheram o sacerdócio e outros nem sequer podem optar pelo sacerdócio, porque custa caro. Então o que é que fazem? Aceitam a tarefa de ensinar a esses meninos por algumas esmolas que lhes dão e para os segurar no grupo, impõem-lhes mais disciplina. Você decidiu morar com eles para os vigiar, como fazia conosco. Claro, de você nós não fazemos caso. De fato, aqui ninguém pensa em você, João Batista, então resolve ir embora. Não é verdade? Muito bonito, João Batista! Ora, renuncie, renuncie a seu canonicato, mas renuncie em meu favor, João Batista. Você sabe que preciso deste canonicato. Quero deixar de ser um simples padre para subir de nível. Meu Deus, João Batista, eu preciso ser alguma coisa!

La Salle: “Olhai os lírios do campo: não fiam e não trabalham, e Salomão em toda sua glória jamais se vestiu como um deles”. Como é que o Senhor poderia abandonar uma de suas criaturas?

Luís: Mas, por Deus, João Batista! Creio que você sabe muito bem essas coisas. Se eu não acreditasse, não estaria aqui, mas eu preciso de alguma coisa a mais; quero alguma coisa a mais do que esta miserável vida que estou obrigado a arrastar..

La Salle: Há um remédio, Luís de La Salle; um remédio muito simples e fácil. Creia no que está fazendo. Creia, Luís de La Salle, e nada mais. Creia-lo.

(As luzes se apagam abruptamente. La Salle sai de cena e seu refletor pára sobre Luís. Este se levanta e se chega à boca do palco).

Luís: Não se importou comigo. Renunciou em favor de outra pessoa e me deixou sem vicariato. Mas não passou muito tempo para que minha frustração ficasse resolvida. Todo esse edifício inconsistente que João Batista tinha edificado, começou a desmoronar.

(Luís sai de cena. Volta a luz no escritório de La Salle, onde Leão caminha de um lado para o outro. Entra La Salle).

Leão: Até que enfim! Tive de esperar toda a tarde.

La Salle: Sente-se, por favor.

- Leão:* Obrigado; mas o que tenho a dizer-lhe é muito pouco e não precisa de muita explicação. **Senhor de La Salle, nós vamos embora...**
- La Salle:* O quê?...
- Leão:* Sim, Senhor de La Salle, nós vamos embora... eu já falei uma vez com o senhor e lhe dizia que a coisa é muito dura para nós. É muito difícil para nós esperar para ver o que vai acontecer.
- La Salle:* Mas o que vai acontecer com nossas escolas que estão funcionando com essas criança que precisam de vocês?...
- Leão:* Tivemos uma conversa entre nós quatro. Sabe o que falou Máximo, o soldado metido a professor? Ele disse: «Não gosto de desburrificar esses moleques. E o que é pior, tomar café e rezar, de rezar e almoçar, de rezar e jantar. O de que menos gosto é que o vigário nos lançou na rua.
- La Salle:* Mas não serão todos, penso.
- Leão:* Sim, senhor de La Salle, infelizmente todos pensamos assim.
- La Salle:* Não; e o que diz o Miguel?
- Leão:* Miguel é um bom menino, ensina as crianças a correr e jogar, além de ler, mas não pode suportar tudo isto por toda a vida e ele também vai embora...
- La Salle:* E Remígio?...
- Leão:* Remígio diz que não é essa a forma de ensinar; que não é agradável reunir um monte de garotos numa mesma classe; que, enquanto se ensina a uns, outros fazem baderna; que ele não sabe a quem deve castigar, pois sabemos que o senhor suprimiu os castigos... mas deve haver alguma forma de manter a ordem, e ele não consegue mantê-la.
- La Salle:* Então, não fica ninguém?...
- Leão:* Não senhor; lamento, senhor de La Salle... não sobra...ninguém! Até certo ponto já nos estávamos acostumando a algumas coisas; mas... não agüentamos mais, senhor de La Salle!... Não agüentamos mais!!!...

(As luzes decrescem lentamente na cena, ficando apenas um refletor sobre La Salle)

- La Salle:* Senhor, qual terá sido o meu erro? Por que as coisas não andaram como eu pensava? Em que foi que me enganei? ... Nesses momentos de solidão, quando se pensa na falta da mão de Deus, quando se pensa que todos nos abandonaram...minha família... Luís não quer mais falar comigo e não somente Luís, mas toda minha família... Eu tinha levado esses professores para dormir e comer em minha casa e minha família, por isso, não me suportava... Qual foi o meu erro? Por que se vai num instante, uma obra que parecia crescer e alcançar a terra inteira, porque era uma obra boa? Por que, num instante, vira fumaça levada pelo vento... Será que eu cometi um erro, ou erraram os que me rodeavam? Onde é que está o erro?

(A luz volta ao escritório de La Salle. Entram timidamente dois rapazes)

- Jovem 1:* É o Senhor de La Salle?
- La Salle:* Sim; sou o Senhor de La Salle.
- Jovem 1:* Ah, sim; nós gostaríamos de conversar um pouco com o Sr. de La Salle.
- La Salle:* Pois não; às ordens. Sentem-se, por favor.

- Jovem 2:* Obrigado! Bem; nós queríamos dizer-lhe... que... Bom; somos universitários. Terminamos a Universidade.
- La Salle:* Que bom! Meus parabéns!
- Jovem 1:* A gente queria saber... é que, outro dia, estávamos conversando e soubemos alguma coisa do que o senhor estava fazendo por aqui.
- La Salle:* É? Alguma coisa do que eu estava fazendo?
- Jovem 2:* E pensamos que... talvez nós poderíamos... ensinar.
- La Salle:* Que surpresa! Há alguns dias os professores que tínhamos contratado foram embora.
- Jovem 1:* Sim; e soubemos que há escolas que estão sem professores. Então pensamos... somos apenas dois... pensamos que poderíamos substituí-los um pouco.
- Jovem 2:* Sim; queremos ensinar.
- La Salle:* Querem ensinar?... E quanto querem ganhar por isso?
- Jovem 1:* Não sei... (Ao jovem 2) a você o que lhe oferecem?... Quanto é que você quer?
- Jovem 2:* Bom; o senhor sabe, não somos pobres, isto significaria romper um pouco com nossas famílias; mas, creio que com uma cama, alguma coisa para comer, estaríamos dispostos a ensinar.
- La Salle:* Uma cama e alguma coisa para comer? E estariam dispostos a ensinar?
- Jovem 2:* Talvez poderíamos precisar de mais alguma coisa, não? Que é que poderíamos precisar?...
- Jovem 1:* Não sei; talvez, de vez em quando, dar uma volta para passear e ter alguma coisa para nossos gastos...
- Jovem 2:* Mas você sabe que isto não é necessário.
- Jovem 1:* Claro, não é necessário, mas poderia ajudar.
- La Salle:* Então, não pretendem nada mais?...
- Jovem 1:* Acho que não; a menos que depois nos falte alguma coisa.
- La Salle:* E por que é que vocês querem fazer isto?
- Jovem 2:* Não sei... não sei... é que tínhamos pensado que havia crianças que precisam aprender e a maneira de ensinar em uso, é bom; e que o senhor estava fazendo alguma coisa diferente: um novo modo de ensinar e pensamos que poderíamos ajudar-lhe...
- La Salle:* E pensaram que poderiam ensinar?... assim, sem mais?
- Jovem 1:* Sim... não sei o que acha complicado, Sr. de La Salle; veja! Deixe-me explicar. Faz alguns dias conversávamos sobre a maneira de viver que levam as outras pessoas; sentimos que nós temos demais e com uma pequena parte teríamos suficiente para subsistir e que tranquilamente poderíamos dedicar-nos a este trabalho da educação das crianças pobres.
- Jovem 2:* Sim; pensamos em todas estas coisas, sobretudo quando Nosso Senhor dizia: «Olhai os lírios do campo...» O Senhor conhece esta frase?
- La Salle:* Sim, sim! Conheço esta frase.
- Jovem 1:* Daí nós concluímos que Nosso Senhor nunca esquece a ninguém e sobretudo não seus filhos, se forem realmente apegados a ele.
- La Salle:* Exatamente!
- Jovem 2:* Pois bem; a sociedade em que estamos vivendo não está boa. Há gente muito pobre e gente muito rica. Esses senhores ricos podem conseguir o que desejam, simplesmente com abrir as mãos. Mas os outros não podem conseguir nada e mesmo que alguém quisesse protestar e gritar alguma coisa... achamos que também há um modo muito bom de protestar.

Jovem 2: Sim; esse modo de protestar é dar aos que nada têm, uma outra maneira de pensar. Veja: até agora viveram pensando que pobre é carecer de tudo. Ser pobre significa simplesmente não saber nada; arrastar-se; estar sempre dependente dos outros. E isto não está certo, Sr. de La Salle. Quere-mos dar-lhes a entender que também eles têm direito de aprender como todos.

(A cena escurece repentinamente; só um refletor ilumina La Salle).

La Salle: Esta era a resposta que eu tinha procurado com tanto empenho; não... não era melhorar a situação; era simplesmente cumprir as palavras ditas há muitos séculos. Era compreender os outros, isto é, ser um pouco daquilo que Deus tinha sido: rebaixar-se de sua dignidade, se é que se pode falar de dignidade rebaixada, quando se está à altura dos outros, isto que Deus fez: servir de base para que os outros pudessem crescer.

(Outro refletor se acende para iluminar, do outro lado, o jovem 1)

Jovem 1: Pouco a pouco foi crescendo, se bem que de início éramos poucos. Uma vez que compreenderam porque se faziam estas coisas, começamos a crescer e crescer, até que um dia não éramos somente dois; éramos muito mais. E quando fomos numerosos, chegaram outras necessidades, mas muitos outros rapazes decididos a seguir no serviço dos pobres. Um dia aconteceu uma grande pobreza e fome em toda a França: fome e desespero por toda a parte.

(Outro refletor ilumina Luís)

Luís: Foi então que houve outro problema com João Batista de La Salle; outro problema que estava relacionado com o que já tínhamos discutido outras vezes. Entendem vocês? Nesse dia, ele decidiu repartir pão e alimentos entre os pobres, não podia dizer que essa atitude não era louvável. Sob todos os pontos de vista era uma boa obra. Mas passaram os meses e a fome acabou; e La Salle continuava a distribuir e imediatamente notei que a fortuna da família estava acabando.

(Projeta-se uma série de slides)

Slide 1: La Salle em seu escritório.

Slide 2: La Salle diante de algumas cestas de pão.

Slide 3: La Salle rodeado de crianças.

Slide 4: Luís e La Salle em franca discussão.

Slide 5: La Salle sentado com os professores.

Slide 6: Outra cena com La Salle distribuindo outros alimentos, enquanto discute com Luís.

Luís: Eu não podia permitir isso; e um dia fui falar com João Batista. Ele me repetiu uma frase da Bíblia e não quis continuar falando comigo.

Voz de LS: **Olhai os lírios do campo...**

Luís: E continuava jogando fora o dinheiro e distribuindo entre os pobre. Eu estava simplesmente desesperado. Fui ao Sr. Bispo e o Bispo me deu razão, ...e falou com João Batista.

Voz em off: Senhor de La Salle, acha que está correto o que está fazendo? Creio que está exagerando; estou de acordo com o senhor de que se deve fazer o bem e dar esmolas. Mas isto, à custa da própria fortuna de sua família não está correto, Senhor de La Salle. O que o senhor deveria fazer é deixar de desperdiçar esse dinheiro... Entenda-me, Sr. de La Salle, já é hora de acabar com isso.

(Durante essa conversa projetou-se um slide mostrando La Salle em conversa com o Sr. Bispo).

La Salle em off: **Olhai os lírios do campo...**

Luís: E assim todos os dias; assim sempre... Foi passando o tempo e lá se foi a fortuna da família; quase não sobrava mais nada e João Batista continuava e continuava... até que, um dia, já desesperado, rompi com ele e não voltei a dirigir-lhe a palavra.

Irmão 1: Assim, um dia, nos demos conta que João Batista já não tinha mais dinheiro. Era tão pobre como seus próprios alunos.

Luís: João Batista está louco!!!

(Um refletor ilumina La Salle ajoelhado diante de um altar)

La Salle: Obrigado, Senhor, por tudo; obrigado por me ajudar a ser um pouco daquilo que tu foste. Na realidade, na realidade foi um pouco como jogo de dados. Gastar a fortuna através de alguns dados, embora não saiba que espécie de dados...e ficar assim, como tu Senhor, agora. Agora repito as palavras do irmão Francisco:

«Senhor, fazei de mim um instrumento de vossa paz! Quero ser um homem que, aonde quer que chegue, deixe um pouco de bem, um pouco de amor, um pouco de compreensão e que essas crianças aprendam que são pessoas, que todos somos filhos de um mesmo Pai, e que não tenho medo da solidão... Agora tenho meus irmãos... os Irmãos das Escolas para os pobres...»

(Um coro se ouve, e lentamente cai o pano).

.....